

**ANDANÇAS: PESQUISA E FORMAÇÃO COMO
PROCESSUALIDADE SUBJETIVANTE**

***WANDERINGS: RESEARCH AND FORMATION AS A
SUBJECTIFYING PROCESSUALITY***

***ANDANZAS: INVESTIGACIÓN Y FORMACIÓN COMO
PROCESUALIDAD SUBJETIVIZANTE***

Juliano dos Santos^I

Kátia Maria Kasper^{II}

^I Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Paraná - Brasil. E-mail: julianoltr@gmail.com

^{II} Universidade Federal do Paraná, Paraná - Brasil. E-mail: katiakasper@uol.com.br



Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

Este trabalho busca explorar as relações entre corpo, subjetividade e formação a partir de alguns aspectos que envolvem “o fazer uma pesquisa” cuja realização ocorreu entre 2013 e 2015. A cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011; PASSOS *et all*, 2009; ROLNIK, 1989), enquanto método eleito por nós, buscou acompanhar encontros com corpos, danças, contato improvisação, biodança, vidas em formação: “Dança e expressão corporal” atividade

cartografada que integrou, no segundo semestre de 2013, o conjunto de atividades do eixo pedagógico “Interações Culturais e Humanísticas” do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná. Contribuições para o campo da Educação através das intensidades mobilizadas no percurso de produzir uma pesquisa: processo de formação de um pesquisador apresentando elementos menores, minoritários; não o ensino, a representação ou a descoberta do mundo, mas *uma* pesquisa, *um* movimento, *uma* inquietação, *uma* invenção de mundos, agenciamentos do desejo. Neste sentido, este texto se propõe **a)** indicar alguns encontros que ressoaram com o corpo do pesquisador e **b)** explorar os efeitos que, em intensidade, mobilizaram e continuam mobilizando um processo de formação.

Palavras-chave: Formação. Experimentação. Corpo. Subjetividade.

Abstract

This work seeks to explore the relationship between body, subjectivity, and formation of some aspects that involve the “making of research,” whose implementation took place between 2013 and 2015. The cartography (DELEUZE; GUATTARI, 2011; PASSOS et all, 2009; ROLNIK, 1989) elected by us as a method strived to accompany encounters with bodies, dance, contact improvisation, bio-dance, and lives in formation: “Dance and body expression.” This activity was integrated, in the second semester of 2013, the set of activities of the pedagogical axis “Interações Culturais e Humanísticas” at the Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. There were some contributions to the field of education through the intensities mobilized during the research’s production. The process of formation of a researcher presenting smaller elements, minor elements, not teaching itself, the representation or the discovery of the world, but research, movement, doubt, and the invention of worlds, mediation of desire. In this sense, the text that we present proposes a) point out some encounters that resonated with the body of the researcher and b) explore the effects that, in intensity, mobilized and continue to mobilize a process of formation.

Keywords: Formation. Experimentation. Body. Subjectivity.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo explorar la relación entre el cuerpo y la subjetividad, y la formación de algunos aspectos que implican “el hacer una investigación”, cuya realización se

llevó a cabo entre 2013 y 2015. La cartografía (DELEUZE; GUATTARI, 2011; PASSOS et all, 2009; ROLNIK, 1989), como método elegido por nosotros, procuró acompañar encuentros con cuerpos, danzas, contacto improvisación, biodanza; vidas en formación: "Danza y expresión corporal" ("Dança e expressão corporal"), actividad cartografiada que integró, en el segundo semestre de 2013, el conjunto de actividades del eje pedagógico "Interacciones Culturales y Humanísticas" ("Interações Culturais e Humanísticas") en la Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Contribuciones para el campo de la educación a través de las intensidades movilizados en el curso de la producción de una investigación: proceso de formación de un investigador presentando elementos más pequeños, minoritarios; no a la enseñanza, la representación o el descubrimiento del mundo, sino una búsqueda, un movimiento, una inquietud, una invención de mundos, mediación del deseo. En este sentido, el texto que presentamos aquí propone a) indicar algunos encuentros que resonaron con el cuerpo del investigador y b) explorar los efectos que, en intensidad, movilizaron y continúan movilizandando un proceso de formación.

Palabras clave: Formación. Experimentación. Cuerpo. Subjetividad.

1 Produção de um campo

Criar não é se adequar à vida como ela é,

Nem tampouco se grudar às lembranças pretéritas

Que não sobrenadam mais.¹

Este artigo explora relações entre corpo, subjetividade e formação a partir de alguns aspectos que envolvem “o fazer uma pesquisa”, cuja realização ocorreu entre 2013 e 2015. Como campo de pesquisa elegemos a atividade² “Dança e expressão corporal” que integrou, no segundo semestre de 2013, o conjunto de atividades que compõem o eixo pedagógico denominado “Interações Culturais e Humanísticas”, da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral - localizada no município de Matinhos, litoral do Paraná. As “Interações Culturais e Humanísticas” abriam ao corpo discente a possibilidade de propor atividades, sempre com mediação de um docente da Universidade. A atividade de dança foi proposta por um estudante

¹ Os fragmentos que abrem cada sessão referem-se ao poema “Sargaços” de Waly Salomão, dedicado à Maria Bethânia. É possível acompanhar uma leitura especial no link: <https://www.youtube.com/watch?v=f3kNg0oIHcU>.

² “Atividade” é o termo utilizado no documento oficial “Diretrizes das atividades de Interações Culturais e Humanísticas”.

do curso de Licenciatura em Artes, com apoio de um estudante de Gestão Desportiva e do Lazer. Já as/os integrantes eram as/os estudantes dos mais variados cursos daquele setor: Agroecologia, Gestão Ambiental, Gestão Desportiva e do Lazer, Gestão do Turismo, Gestão Pública, Informática e Cidadania, Licenciatura em Artes, Licenciatura em Ciências, Licenciatura em Linguagem e Comunicação, Oceanografia, Tecnólogo em Aquicultura e Tecnólogo em Orientação Comunitária.

Nessa atividade de dança, cartografamos marcas de encontros com corpos, danças, contato improvisação, biodança e vidas em formação. A cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011; PASSOS *et all*, 2009; ROLNIK, 1989) como metodologia de pesquisa envolve acompanhar processos, os agenciamentos do corpo-desejo em benefício daquilo que é vital. Ao deixar o corpo afetar-se pelas diferenças, há a possibilidade de novos modos de subjetivação, de reinvenção e de formação. Vários foram os instrumentos que vieram a compor nossa cartografia no que se refere à produção de dados para nossas reflexões e criações: produção de depoimentos, notas de diário de campo, observação participante; conexões com obras de alguns artistas: longa metragens, poesias, contos, romances e canções. Além das obras acadêmicas. O que afetava afirmativamente foi o critério que nos indicou caminhos e entradas. Com isso o processo nos convidou à produção de um corpo sensível, que antes de representar, classificar e organizar o que o olho vê, se envolve, experimenta, cria linhas de fugas.

No início das atividades, ainda inverno, nos apresentamos como pesquisador e solicitamos aos responsáveis a autorização para acompanhar os encontros daquela atividade, que ocorriam durante as quartas-feiras, a partir das 19h e 30min, em uma sala de aula retangular, com piso e paredes de concreto, bege e luz fluorescente. As carteiras e cadeiras eram organizadas uma sobre a outra, junto à parede dos fundos. Misteriosas experiências ocorriam nas superfícies dos corpos. Alguns encontros foram realizados sob uma grande tenda, de lona, sobre um grande tablado de madeira coberto por um carpete. Intensos movimentos mobilizavam uma nova energia entre nós. Nestes espaços ocorriam especialmente exercícios de contato improvisação, biodança, artes circenses e, às vezes, rodas de conversa. Múltiplos foram os modos pelos os quais pude acompanhar o processo: ora observando, ora participando dos exercícios e atividades, ora organizando o espaço, os materiais, ajustando o som, numa espécie de contrarregras improvisado, disponível.

2 Caminhar

Nem ancorar à beira-cais estagnado,

Nem malhar a batida bigorna à beira mágoa.

A sensação de planejar uma pesquisa: traçar metas e depois caminhar; procurar o que se quer, averiguar, sustentar, mensurar, medir, calcular, controlar, dividir, subdividir, organizar, confirmar, representar, universalizar. Envolve uma moral.

Uma sensação de pesquisar: caminhar, saltar, tombar, experimentar; aprender a caminhar para produzir as metas; caminhar aprendendo a olhar o que nos chega, o que nos vem – aquilo que o mundo dá. Ao procurar o que se quer, a possibilidade de encontrar o que não se procura e que, no entanto, se mostra como aquilo que se precisa. Ética de acolhimento do imprevisto.

É levando em consideração a pertinência do verbo pesquisar enquanto processo pelo qual caminhamos para produzir as metas, e não o contrário, que buscaremos abordar neste texto aquela dimensão da pesquisa que envolve o encontro, o movimento, o fluxo; aquela dimensão que nos coloca à altura dos acontecimentos para que, no processo, se possa, talvez, ser ultrapassado por eles, e, portanto, ser alterado pelo mundo. Duplo processo que exige uma escuta do corpo e que ao mesmo tempo produz um corpo.

3 Desfazer a organização

Nascer não é antes, não é ficar a ver navios,

Caminhar com o olhar como a proposição da obra *Caminhando*, criação de Lygia Clark: produzir cortes com uma tesoura na superfície de uma fita de *Moébius*. Uma superfície em que fora e dentro se dobram, onde fronteiras já não se sustentam mais. No decorrer do percurso, o primeiro corte traçado encontrará seu ponto de partida e duas possibilidades se colocam: manter a trajetória ou escolher outro ponto da superfície para caminhar/cortar. Um longo processo se inicia e, em vez de um labirinto onde o que se procura é a saída, somos convidados a produzir entradas outras: experimentar. A obra é o próprio processo e o seu registro se mostra cada vez mais múltiplo quando a atitude escolhida é cortar-entrar-caminhar em outro ponto da superfície que sempre resta, que sempre pede um novo corte, uma nova entrada. É neste contexto que o caminhar, enquanto imagem de um processo de pesquisa,

envolve aprender algo como: quando um caminho se afasta do caminho, produz-se o múltiplo – e libera o corpo.

4 Caminhar: devir da linguagem

Nascer é depois, é nadar após se afundar e se afogar.

Tomar o rodeio como parte do método do corpo, deixando ver imensidões, cores, umidade, clarões, curvas, ondulações, cumes, linhas compondo o caminho entre Curitiba e Matinhos, litoral do Paraná, rodovia BR-277. Serra do Mar, fronteira, separa, une, avizinha regiões. Do alto da cadeia de montanhas, estrada, caminho, pode-se ver a baía de Paranaguá, com seus 600 km² que se tornam minúsculos. Conforme o inverno se distancia, o nevoeiro imersivo nas montanhas dá lugar a um céu de azul intenso que convida: cores. Do alto, seguindo com o olhar as copas das árvores, os verdes mostram gratuitamente seus gradientes: verde claro, verde lima, verde abacate, verde limão, verde oliva, verde broto, verde floresta, verde musgo... Gradientes do frescor produzindo silenciosamente o ar da vida. Atmosfera viva? Devir da linguagem que, desobedecendo aquilo que o olho vê, se envolve naquilo que ao corpo diz...

5 Processo do olhar

Braçadas e mais braçadas até perder o fôlego

O caminhar ao qual a obra de Lygia nos convida, também parece produzir em nós um certo “treino da atenção”, tal como aquele que Jan Masschelein nos apresenta em seu texto “Educando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre” (2008, p. 43).

Diferentemente do olhar como produto que uma forma dominante de educação teima em produzir e que à professora e ao professor cabe ensinar – olhar crítico que forneceria a verdadeira representação da realidade – a educação do olhar que o processo oferece convida: aprender na experiência a capturar “pontas de novos mundos emergindo” (SANTOS, 2015, p. 139). Sem alguém que ensine, um corpo aprende contagiado pelas diferenças que se colocam. Sem alguém que ensine, é o corpo que se põe, se expõe, em experimentações: cultiva uma atenção sem intenção. Genialidade do corpo: explora, tateia, envolve: o sabor. Contagia, extrai,

corta, resta: um saber. Explora, tateia... resta. Saboroso saber que a experiência gratuitamente dá. Processo do desejo.

Nesse caminhar, nesse processo, há também um risco doce: o perigo de novos mundos contagiarem o mundo já sedimentado. Surge então uma lenta ameaça: “essa identidade me leva a algum caminho? Que faço de mim?” (LISPECTOR, 1978, p. 33). Caminho que se afasta do caminho, caminho que produz o múltiplo é a aventura de se deixar conduzir para fora, para fora de uma identidade. Caminho que se afasta do caminho inaugura em nós devires: processo subjetivante de formação.

6 Corpo e conexões

Bombear gás do tanque de reserva localizado em algum ponto

Do corpo

Ao envolver uma dimensão processual da formação que uma pesquisa de caráter cartográfico solicita, o cultivo de uma capacidade que o corpo possui – em potencial – de ressoar com o mundo foi nos mostrando que, quanto menos controle e quanto mais entrega há no processo de pesquisar, mais nos aproximamos de algo comum, existente em espaços e tempos distintos: não um mundo a parte que nos rodeia, e sim o mundo que nos atravessa.

Foi assim que surgiu entre nós o número 112 da revista Artes de México³, apresentando uma entrada fascinante ao mundo *tarahumara*, com textos e fotografias de beleza e força singular. Os *Tarahumaras* são povos nativos do norte do México e também são chamados de “*Los hijos del Sol*”, “*los hijos de la luna*”, “*pueblo que corren a pie*”, “*pueblo en movimiento*”. Ressonâncias com a própria noção de pesquisar que procuramos agenciar e que inverte a definição dominante de *método como metas para o caminho* para uma definição de *método como caminho para as metas*. Ética e estética do acolhimento.

Para os *tarahumaras* o caminhar é uma ação fundamental e com implicações no modo de viver, configurando um ritual sagrado cuja celebração se dá anualmente. Caminham seguindo e aprendendo a ler as “pegadas” no/do mundo que seus ancestrais deixaram. Esse caminhar é necessário para despedirem-se dos mortos – que terão de aprender a caminhar em solidão – e também para pedir que não voltem mais. Caminhar como um cultivo em que todos

³ Os escritos apresentados acerca dos *Tarahumaras* têm como base especialmente o texto “*Crear un mundo caminando*”, de Isabel Martínez, publicado da revista Artes de México, n. 112.

encontram seu caminho. Neste processo aprendem a “*huellear*”, a ler as “pegadas”, os “passos”, deixados no solo por aqueles que por ali passaram: como um texto que ativa capacidades de leitura de um corpo. Um bom “*huelleador*” é capaz de reconhecer nas pegadas o gênero do caminhante, a idade, o peso e até mesmo a velocidade de seu caminhar: seu ponto de partida e ponto de chegada. É aprender a estar com os outros e, passo a passo, construir o caminho que dá sentido à existência. Tal ritual se dá passando por um caminho antigo, onde os primeiros *tarahumaras* caminhavam. *Eyénama* é o termo utilizado para falar desse caminhar constante que dá forma à vida. Segundo as palavras antigas dos *tarahumaras*,

Caminar por el mundo *rarámuri*⁴, llamado *kawí*, es saber que paso con paso lo aplanan para habitarlo. *Onorúame, El-que-es-Padre*, los dejó en este lugar para que fueran los pilares del mundo, dicen los que huyeron a las barrancas. Otros cuentan que fue danzando y amacizando el suelo como una tortilla que le dieron forma (LUMHOLTZ, 2014).

Caminhar: preparar o solo e amaciar a terra para habitá-la. Com cerca de 2500 metros de altitude, a Sierra Tarahumara é o solo por onde os *rarámuri* caminham. Levam consigo apenas um copo, um cobertor, uma colher e um pouco de *pinole* (milho tostado e moído), utensílios suficientes que permitem construir, ao mesmo tempo, o caminho, o caminhante e o mundo. Em seu caminhar encontrará o que precisa: água e abrigo, já que há entre os *tarahumaras* o costume de receber e acolher os viajantes, oferecer abrigo, conversar sobre o trajeto percorrido, mesmo desconhecendo o anfitrião.

Danzando e caminhando os *tarahumaras* dão forma ao próprio mundo. O mito da criação diz que a Terra possuía sete *tortillas* em camadas que foram amassadas pelas danças e pelo caminhar dos primeiros *tarahumaras* que habitaram a Terra. O caminhar, o dançar, está ligado à maneira como se engaja nos processos de invenção do mundo e da vida. Conforme Isabel Martínez, são conhecidos, além da ação terrestre de caminhar, pela atitude celestial de caminhar, dançar e sonhar antes de falar, envolvendo a solidão, o silêncio, a calma e a contemplação.

Essa capacidade do corpo de ressoar com os acontecimentos, sejam eles nos mais variados espaços tempos, diz de uma dimensão do corpo que não é aquela da biologia, do

⁴ *Rarámuri* é o termo que os tarahumaras utilizam entre si para referir ao seu povo.

corpo-carne determinado e organizado, funcional. Como escrevemos antes, quando falamos de corpo não nos referimos ao

corpo da taxonomia, classificado, hierarquizado, distribuído em categorias de reino, família, classe, ordem, gênero e espécie; nem mesmo do corpo da fisiologia, organizado em funções orgânicas, recortado e colado pelos bisturis da organicidade; tampouco do corpo da anatomia, morto, dissecado, imóvel e encoberto pelos tecidos brancos ou mergulhados nos compostos que os conservam (SANTOS, 2015, p. 58).

Não se trata deste corpo, embora seja com ele que podemos produzir um novo corpo. Uma outra noção de corpo que a própria pesquisa foi agenciando, surgiu desse nosso encontro com a definição produzida por Gilles Deleuze inspirando-se especialmente na pergunta espinosista: o que pode um corpo? Para Deleuze um corpo se define menos por regras de cunho classificatório do que pela capacidade de afetar e ser afetado. É nesta esteira que um filósofo japonês chamado Kuniichi Uno também contribui para a compreensão dessa outra noção de corpo quando, ao tecer comentários em torno das criações de Artaud e dos dançarinos de butô Hijikata e Tanaka Min, nos diz que “corpo é esse entrecruzamento do visível e do invisível, do dentro e do fora, do que se toca e do que é tocado” (2014, p. 53). Ao envolver esses entrecruzamentos, a noção de corpo abrange, então, a noção de processo, de produção que se dá através dos efeitos dos encontros que experimentamos e, por isso, todo um conjunto de possibilidades pode ser inaugurado.

Mobilizar o desejo de experimentação enquanto processo de produção do corpo também pode ser revolucionário – não naquele velho sentido de instaurar uma nova regra para todos, norma para todos, decisão para todos ou instituição para todos, e sim no sentido de uma possibilidade ética de continuar a existir, ressoar e partilhar. Assim como nos diz Deleuze em uma de suas entrevistas com Claire Parnet: “o desejo é revolucionário porque quer sempre mais conexões, mais agenciamentos” (1998, p. 94).

7 Um encontro com o Kit de odores

E não parar de nadar

Nos percursos de nossa investigação, aconteceu também um encontro com uma definição de corpo proposta por Bruno Latour. Produzimos uma aliança.

Bruno Latour (2008), em seu artigo “Como falar do corpo: a dimensão normativa dos estudos sobre ciência”, traz algumas contribuições para pensarmos o corpo, em ressonância com a perspectiva que agenciamos. Nele, o autor inicia chamando a atenção para a urgência da ciência falar do corpo. Afirma a importância de que a ciência não abandone o corpo, que seria então dito a partir da perspectiva da religião, do misticismo, do esoterismo. Trata-se da ciência falando do corpo em outra perspectiva que não a dominante. A ideia central que Latour traz é a de que o corpo envolve a aprendizagem de ser afetado pela alteridade – humana ou não-humana. Para mostrar isso, expõe um caso de treinamento de pessoal para trabalhar no campo da indústria de perfumaria, preparando-os para analisar os perfumes. Treino de narizes com o auxílio de um kit de odores, composto por uma caixa com várias fragrâncias puras e distintas, organizado de tal modo que os odores se distinguiam por seus contrastes: do mais abrupto ao mais sutil. O ‘nariz’ a ser treinado chegava ‘mudo’, só era capaz de distinguir odores ‘doces’ ou ‘fétidos’. Mesmo diante de uma variedade de odores, os participantes, inicialmente, não conseguiam captar os contrastes mais sutis das diferenças existentes. Para ultrapassar este estado de ‘mudez’ era preciso passar pelo treino com duração de uma semana. Ao longo do processo aprendiam a distinguir odores e nuances que antes do treino não era possível. Ao ampliar a capacidade de afetação do nariz, passavam a habitar um mundo odorífero amplamente diferenciado. Os diferentes odores presenteavam um novo nariz, ao mesmo tempo que as contrapartidas do mundo eram registradas de uma nova forma. Com a construção desse nariz capaz de ser afetado pelas diferenças, eles ganhavam porções de mundo até então despercebidas. E não se trata apenas do nariz, mas de um corpo mais potente, capaz de perceber diferenças até então desconhecidas.

Bruno Latour chamará de sujeito inarticulado aquele que não é capaz de perceber as diferenças e ser afetado por elas. Esse sujeito, diante das diferenças presentes no mundo, sempre diz e sente a mesma coisa. É o caso do sujeito que se pauta pelo que já sabe e resiste ao encontro com algo desconhecido, desfazendo a diferença em extensão de si. Ao sujeito capaz de ser afetado pelas diferenças, Latour chamará de sujeito articulado. Para este, os odores diferentes suscitavam um novo comportamento. Quanto mais se aprende, mais diferenças existem.

O exemplo apresentado por Latour evidencia também o aspecto de produção do corpo. Corpo não como dado, pronto e acabado, mas como processo de aprendizagem. Corpo, conforme Kátia Kasper, “criado nas experimentações, na intensidade dos encontros”

(KASPER, 2009, p. 205). O corpo envolve uma produção que se dá juntamente com uma abertura de mundos. Há uma aprendizagem que se faz a partir do encontro e a partir daquilo que passa no corpo. Segundo Cintia Vieira da Silva, há uma correspondência entre o corpo e o pensamento, onde “o corpo é uma dimensão do indivíduo a ser desenvolvida, cultivada e conhecida. O desenvolvimento do corpo leva, inclusive, a um desenvolvimento da mente, já que esta percebe tudo o que se passa ao corpo” (SILVA, 2013, p. 48).

Segundo Deleuze, Espinosa toma como modelo o corpo, mas não para hierarquizá-lo, não para colocá-lo acima da mente, mas em uma relação de correspondência. É tomando o corpo como ‘modelo’ que será possível construir uma ética, levando em conta aquilo que passa no corpo, sendo possível então adquirir um conhecimento de sua potência.

Procuramos adquirir um conhecimento das potências do corpo para descobrir as potências do espírito que escapam à consciência, e poder compará-los. Em suma, o modelo do corpo, segundo Espinosa, não implica nenhuma desvalorização do pensamento em relação à extensão, porém, o que é muito mais importante, uma desvalorização da consciência em relação ao pensamento: uma descoberta do inconsciente e de um inconsciente do pensamento, não menos profundo que o desconhecido do corpo (DELEUZE, 2002 p. 25).

As alianças produzidas em nosso percurso indicam que há no corpo uma dimensão capaz de inaugurar outros mundos. Antes de ser o lugar sobre o qual o poder investe seu controle, produzindo desejos e modos de vida padronizados, ele é lugar de experimentação e invenção, portanto, de combate e de resistência às mais variadas formas de tirania. Fazer perder a dimensão estética do corpo, ou seja, sua dimensão sensível capaz de ativar a potência de escutar e de ser afetado pelas diferenças no mundo, é o que interessa ao poder. Contudo, ao poder daqueles que se querem nossos governantes, nossos responsáveis, contrapõe-se a potência do corpo.

A revolução, ou melhor, uma microrrevolução, se refere mais a essa capacidade de efetuar um potencial que há no corpo: o de produzir novas conexões, muitas vezes pelas bordas e escapar ao controle. Corpo experimentando com o outro, no contato com a diferença, desfazendo-se de uma identidade necessária ao poder e ao controle, em proveito de um processo constante de produção de subjetividades.

8 A produção de um cartógrafo

Nadar, nadar, nadar e inventar a viagem, o mapa,

Uma das aprendizagens que a cartografia, proporcionou se refere aos procedimentos de produção de depoimentos. Após o término dos encontros, últimos dias de primavera, estendemos aos participantes o convite para contribuir com nossa cartografia através de depoimentos que giravam em torno do relato das experiências que aconteceram naquela atividade. Tínhamos uma pergunta inicial “Como foi para você participar desta atividade?”. O inesperado é que a própria produção de depoimentos se tornou um elemento de aprendizagem do corpo pesquisador, portanto, elemento que inaugurou também outros mundos.

Neste processo, as produções de depoimentos passaram a ser compreendidas não como um momento para recordar o vivido, no sentido de representá-lo, mas sobretudo como um momento de invenção, de produção de novos sentidos, indo muitas vezes além do vivido. A inversão que pode ocorrer devolve ao corpo que relata aquela dimensão em que quem diz está presente no que diz e, portanto, intervém sobre os sentidos de sua narrativa, operando de saltos em saltos entre recordação como representação ou reprodução e invenção como experimentação ou experiência. Daí a importância de ressaltar, para o campo da educação, a necessidade de se cultivar essa abertura, essa disponibilidade ao outro, capaz de alterar aquilo que já somos, convidando-nos a entrar em “devires” (DELEUZE; GUATTARI, 2012). O processo em torno da dança e dos depoimentos sobre a experiência com a dança possibilitaram isso.

Ao tomar essa dimensão da linguagem de inventar sentidos e, portanto, criar realidades, vemos a possibilidade de deixar correr linhas de fuga. As linhas de fuga, assim como as linhas molares e as linhas moleculares, conceituadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, são aquilo que atravessam os grupos e indivíduos:

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. Pois, de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida. As

linhas de fuga — não será isso o mais difícil? Certos grupos, certas pessoas não as têm e não as terão jamais. Certos grupos, certas pessoas não possuem essa espécie de linha, ou a perderam (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 96).

Linhas de fuga como aquilo que está por ser inventado na própria vida, que faz fugir o já sabido, já significado, já organizado e já sedimentado. Os exercícios em torno da dança em conjunto com o partilhar da experiência de dançar parecem também possibilitar essa espécie de invenção.

Pensando nesse processo, José Gil (2002) nos diz dessa capacidade da dança de mobilizar estratos de tempos vividos que parecem encobrir o presente vivo com véus e estratos sedimentados, liberando o corpo para o presente atual. Estes estratos, conforme nos conta Gil, são produtos de um passado e também de uma ideia de futuro (com base em nossas expectativas) que formam: nosso modo de perceber o mundo, sua estrutura e o seu modo de funcionamento e de presença. Neste sentido, todos os corpos estão, de certa maneira, datados, pertencendo a outras épocas: parcialmente inatuais. Atualizar o corpo, possibilitar a ele devires, é algo que também a dança pode proporcionar. O corpo “cria o presente arruinando a realidade estabelecida” (GIL, 2002, p. 257).

9 A produção de um cartógrafo II: escutar os signos

Nadar, nadar, nadar e inventar a viagem, o mapa

Durante a produção de um depoimento, um depoente fez uma pausa silenciosa, e lançou, em outro tom de voz, um sincero espanto: “Nunca tinha falado isso para ninguém...”, ou, “Na verdade, eu nunca conversei tão profundamente assim com alguém, talvez essa conversa foi uma conversa comigo mesmo, parece que eu estou conversando com um espelho, sabe...”. A própria produção de depoimentos se torna uma nova experiência: experiência da experiência (SANTOS, 2015, p. 151), que acolhe velocidades, lentidões, ritmos, movimentos, repousos... acolhe o processo de produção.

Espantar-se com esses detalhes que podem ser lidos como “menores” e que, no entanto, abrem todo um novo campo de percepção, foi uma das aprendizagens que o processo possibilitou. Ao nos afastarmos daqueles procedimentos de pesquisa que são herdeiros de uma forma moderna de ciência – na qual cabe ao pesquisador procurar o que quer, sustentar, mensurar, medir, calcular, controlar, dividir, organizar, confirmar, representar e universalizar –

, na cartografia o convite foi justamente seguir as intensidades, e aprender a escutar aquilo que dizem os signos. Naqueles momentos de produção de depoimentos, toda uma atmosfera se criava: de relação, de confiança, de afetos, de presença, no sentido de preparar um ambiente que possa ser propício para a experiência.

Na cartografia, a entrevista não busca “exclusivamente a informação, isto é, o conteúdo do dito, e sim o acesso à experiência em suas duas dimensões, de forma e de forças, de modo que a fala seja acompanhada como emergência na/da experiência e não como representação” (TEDESCO *et all*, 2013).

A experiência do dizer é um momento que indica a coemergência de si e do mundo. É o instante em que o corpo se reinventa, ao mesmo tempo em que um mundo novo é acessado pela experiência do dizer. Vemos que o ato de dizer ultrapassa o gesto de tentar representar o vivido para propor a experiência do dizer. Experiência que envolve também a construção de outros vocabulários e outras linguagens para narrar-se.

Começava a surgir, então, um corpo intensivo-relacional solicitado para captar signos de vivacidade da linguagem que indicam o que está sendo inventado, e não apenas representado. Talvez tenha sido essa uma das aprendizagens fundamentais que a cartografia proporcionou: a produção de um corpo que acolhe não apenas o conteúdo que se diz, mas a experiência do dizer que diz muito do que se quer dizer, com ou sem palavras.

10 Sair de casa

Criar é desacostumar do fado fixo

E ser arbitrário

Se pesquisar envolve habitar uma fronteira onde saber e não saber se apresentam, estaremos sempre no espaço do desconhecido. Habitá-lo ou adentrá-la, por sua vez, solicita de nós uma abertura para imprevistos e possíveis contágios. Mas solicita também uma disposição para articular a capacidade de lermos todo um novo mundo que nela há.

A leitura da qual nos referimos não é essa leitura da palavra, senão uma leitura das atmosferas que carregam não só as palavras, mas todos os signos. Em seu texto “Experiência e Alteridade em Educação”, Jorge Larrosa comenta uma nota de rodapé referente ao livro *Language y Silencio*, em que George Steiner diz: “Quem já leu a *Metamorfose* de Kafka e

pode olhar-se impávido no espelho, é capaz tecnicamente de ler a letra impressa, porém é um analfabeto no único sentido que conta” (STEINER, 1994, *apud* LARROSA, 2011, p. 9). Mais que a compreensão do texto, a experiência da leitura é o que mais conta quando se pensa em processos de formação como experiência. A leitura torna-se então experiência quando nos colocamos abertos ao que lemos, quando nos envolvemos, quando aprendemos o cultivo das ressonâncias mesmo que efêmeras, mas revolucionárias ao acolher as perturbações de uma linguagem que desobedece: a linguagem da experiência.

Sair de casa: habitar o mundo, permanecer no mundo para, talvez se deixar atravessar pelas suas intensidades. Intensidades que podem solicitar do corpo uma linguagem diferente, inexistente, frágil, balbuciante... desobediente, processual, atemporal vital e que acolhe os tremores da perigosa experiência de se deixar ler o mundo.

Sair de casa: habitar o mundo para aprender a narrá-lo, portanto, reinventá-lo ao ser afetado pelas intensidades. Pesquisar experimentando uma formação que não molda como fôrma, que não prescreve como receita, que não finaliza como produto, mas que se expressa como processo de abertura ao mundo, que explora aquilo que passa e que mobiliza uma potência em nós, que amplia o atual: libera uma vida.

Sair de casa: compor relações com o mundo, suportar os efeitos do encontro, vivenciá-los abrindo mão do controle em proveito do processo de tornar-se outro.

Referências

DELEUZE, G. **Espinosa** filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Conversações**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. 2ª ed. Volume 1, São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. In: _____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. 2ª Ed. Volume 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

GIL, J. **Movimento total**: O corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2002.

KASPER, K. M. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? Campinas: **ProPosições**, v. 20, n. 3, p. 199-213, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a13.pdf>>. Acesso em 16/04/2014.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, nº 19 Jan/Fev/Mar/Abr. p. 20-28, 2002.

_____. Experiência e Alteridade em Educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, nº 2, v.19, p. 4-27, 2011.

LATOURE, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência. In: NUNES, J.A. ROQUE, R. (Org.). **Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Afrontamento, 2008. p. 39-61.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida: pulsações**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LUMHOLTZ, C. Al inicio del camino: palabras antiguas de los rarámuri. In: MARTÍNEZ, I. (Org.) Tarahumaras – el camino, el hilo, la palabra. **Revista Artes de México**. nº 112. p. 8-13, 2014.

MARTÍNEZ, I. Crear un mundo caminando. In: _____. (Org.) Tarahumaras – el camino, el hilo, la palabra. **Revista Artes de México**. nº 112. p. 38-49, 2014.

MASSCHELEIN, J. E-ducando o Olhar: A necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, nº 1, v. 33, p.35-47, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6685>>. Acesso em: 25/07/2016.

PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SALOMÃO, W. **Poesia total**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

SANTOS, J. **Experimentações e(m) processos de formação: entre marcas, corpos e invenções**. 2015. 166 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

SILVA, C. V. **Corpo e pensamento: Alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

TEDESCO, S. H.; SADE, C. CALIMAN, L.V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. Rio de Janeiro: **Fractal**, v. 25, nº 2. p. 299-322, 2013. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1112>>. Acesso em: 23/07/2016.

UNO, K. Corpo-gênese ou tempo-catástrofe – em torno de Tanaka Min, Hijikata e Artaud. In: _____. **A gênese de um corpo desconhecido**. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2012. p. 51-61.

Andanças: pesquisa e formação como processualidade subjetivante

Recebido em: 27/07/2016

Aprovado para publicação em: 30/11/2016

Publicado em: 20/12/2016